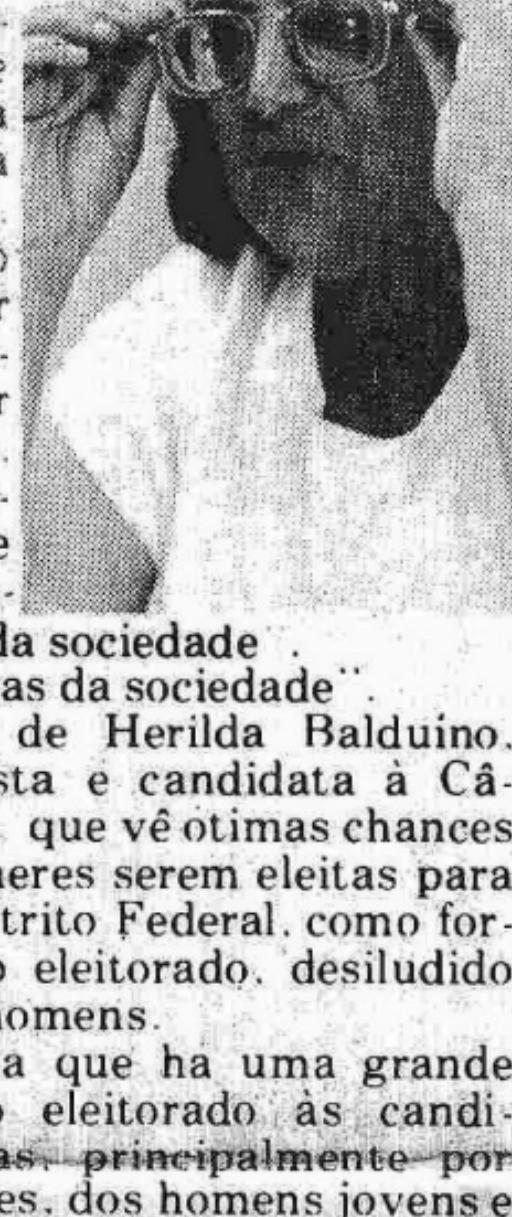


Herilda já crê na eleição de mulheres no DF

"A violência contra a mulher, mesmo sendo uma relação social específica, não deixa de estar inserida no contexto cultural e socio-político da violência contra os mais fracos. Por isso, ela não pode se isolar numa luta classista, da mulher contra o homem. Ela tem que passar pela luta de todos por profundas reformas da sociedade profunda reformas da sociedade".



A opinião é de Herilda Balduino, militante feminista e candidata à Câmara pelo PDT, que vê ótimas chances de algumas mulheres serem eleitas para a bancada do Distrito Federal, como forma de reação do eleitorado, desiludido com os políticos homens.

Herilda afirma que há uma grande receptividade do eleitorado às candidaturas femininas, principalmente por parte das mulheres, dos homens jovens e dos trabalhadores. "Há uma crença, por parte dessas parcelas do eleitorado, de que as mulheres, além de mais dedicadas e sensíveis, são mais difíceis de serem corrompidas. A decisão de votar em mulheres é uma forma de mostrarem o inconformismo e o desejo de mudanças".

Para a candidata, a maior independência e autenticidade da mulher no exercício da função pública, acontece por ela não ter o seu espaço conquistado através de acordos e conselhos políticos, próprios do exercício da ação política dos homens. "Como a conquista de posições nasce da luta contra uma ordem imensa de discriminação, as mulheres demonstram a sua capacidade administrativa, política e gerencial de forma muito independente".

Atuação política

Defensora da implantação de um socialismo democrático no Brasil, Herilda diz que a sua candidatura nasceu de uma longa militância como funcionária pública do TCU e como advogada da OAB. "No Tribunal de Contas, tive oportunidade de conhecer com profundidade a administração pública e tomar consciência do gigantismo da burocracia, de sua ineficiência, desmandos e desperdícios dos dinheiros públicos".

Como conselheira da OAB, eleita por três vezes consecutivas, passei a ter uma íntima relação com a vida dos cidadãos de Brasília. Desses experiências, como mulher e como profissional, integrei-me nas lutas feministas, consciente de que só através de um ativismo e de uma militância política, seria possível mudar esse estado de coisas".

Ela diz que o maior perigo dessas eleições é a predominância do conservadorismo, contra as mudanças sociais: "O poder econômico está desfigurando a principal perspectiva democrática de uma Constituinte que é a participação popular". Para a candidata, só uma legislação forte, para coibir os abusos e meios adequados, para a justiça eleitoral tornar eficiente essa legislação, conseguia evitar o que está para acontecer: "É preciso modificar as leis eleitorais casuísticas que regem as campanhas. A legislação do horário gratuito, por exemplo, ao privilegiar apenas os partidos que estão no poder, é não só antidemocrática, como inconstitucional. Isso tudo me deixa bastante apreensiva quanto aos resultados das eleições".